

2.6 A Etiópia e o Lendário Preste João das Índias

Nos séculos XV e XVI corria uma lenda sobre a existência de um rei cristão que viveria algures, possivelmente na Ásia, de grande poderio e que poderia ajudar os cristãos a lutar contra os infiéis muçulmanos, o denominado Preste João. A atracção em encontrar este extenso e poderoso reino cristão ganhava grande actualidade na consciência cultural europeia. As notícias referentes a esta lendária figura eram já bem antigas.¹ Otto von Freisingen relata na sua *Chronica* que se encontrara em Roma com o bispo sírio, Hugo von Gabala, enviado ao papa pelas igrejas arménias, que lhe falara de um padre e rei chamado João que habitaria para além da Arménia e Pérsia e que seguiria a religião cristã da seita nestoriana; este mesmo teria feito guerra ao rei da Pérsia e mesmo com grandes dificuldades teria ido em socorro a Jerusalém. Este, a quem chamavam *Presbyter* João, dizia-se da descendência dos Reis Magos e pretendia socorrer a Terra Santa do poderio dos muçulmanos. Alguns anos mais tarde, por volta de 1165, circula uma carta que este mesmo rei teria enviado ao pontífice Alexandre III e a vários reis da Europa.² Nesta missiva fala-se do Preste como o soberano das Três Índias rico em poder e senhor de um reino fabuloso. Estas notícias de um poderoso rei cristão abriam novas esperanças aos cristãos europeus que pretendiam ver vencido o poder dos infiéis. Recorria-se à memória de S. Tomé,³ o Apóstolo da Índia, bem como ao evangelista Mateus, que segundo a tradição teria propagado a doutrina cristã no Egipto e na Etiópia.⁴

Procura-se, assim, durante muito tempo localizar o Preste João, na Ásia, considerando-o como um príncipe da dinastia Khitai que, fugido da China em 1125, viria a fundar um novo império sob o nome de Gur-Khan.⁵ O *Presbyter* João seria ainda associado ao rei cristão da Georgia, João

1. Veja-se Ulrich Knefelkamp, *Die Suche nach dem Reich des Priesterkönigs Johannes, Dargestellt anhand von Reiseberichten und anderen ethnographischen Quellen des 12. bis 17. Jahrhunderts*, Gelsenkirchen, 1986 e do mesmo *Europa auf der Suche nach dem Erzpriester Johannes*, Bamberg, 1990.

2. Cf. Knefelkamp, *Die Suche...*, p. 35. Sobre o poder e a riqueza do reino do Preste João, veja-se um extrato do *Tractatus pulcherrimus*, in: Eberhard Schmitt (Ed.), *Dokumente zur Geschichte der europäischen Expansion*, vol. 1, Munique, 1986, pp. 125-132.

3. Sobre a tradição deste apócrifo, veja-se Martin Bocian et al. (Ed.), *Lexikon der biblischen Personen*, Estutgarda, 1989, pp. 492-494.

4. Idem, pp. 363-366.

5. Conde de Ficalho, *Viagens de Pêro da Covilha*, 1898, ed. Manuel Villaverde Cabral, Lisboa, 1988, p. 10 e Knefelkamp, op. cit. (*Die Suche...*), pp. 47-49.

Orbeliano.⁶ Mas ao longo do século XIII iriam chegar mais informações através de viajantes como Marco Polo, que afirmariam haver descendentes do Preste João no reino da Mongólia.⁷ Alguns consideravam que esta região seria pequena para o seu extraordinário poderio, pelo que o associavam ao grande Gengis-Khan.⁸

O mais aceite era que o seu extenso, poderoso e riquíssimo reino se localizasse na Índia que, para alguns, poderia ainda ser na Índia Tertia, logo na África. Na geografia helénico-romana e, em seu seguimento na geografia medieval, dividia-se o mundo em três partes, sendo a Ásia e a África separadas pelo rio Nilo. A África que se estendia a poente do Egipto e da Líbia e Etiópia seria várias vezes incluída na Índia. Por exemplo, nos finais do século XIII, Marco Polo distinguia três Índias, a Maior, a Menor e a Média. E nesta última, também chamada "Terceira" ou "India Ethiopica", perto de Adém e Núbia, ou seja, na África, localizar-se-ia a Etiópia.⁹

O clérigo Bernard Breydenbach pensa ter encontrado em Jerusalém súbditos do Preste João que, chamados de abássios ou índios, teriam vindo da província indiana dominada pelo poderoso rei cristão conhecido por Preste João; estes ter-se-iam assim convertido ao cristianismo aquando da pregação do Apóstolo São Tomé.¹⁰

A designação de Etiópia surgia bastante equívoca, uma vez que correspondia a todo o território ao sul do Egipto, desde o Atlântico até à contracosta. E ao considerar-se o Nilo como a divisória entre a África e a Ásia esfumavam-se os limites fronteiriços entre a Etiópia e a Índia.¹¹ Daí que em várias cartas da Idade Média, o Preste João apareça já no continente africano.

6. Conde de Ficalho, *op. cit.*, p. 11.

7. Knefelkamp, *op. cit.*, (*Die Suche*), pp. 67-68.

8. Conde de Ficalho, *op. cit.*, p. 17

9. Veja-se Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar, séculos XIII-XVIII*, Lisboa, 1990, p. 172.

10. "Es ist noch einander Geschlecht zu Jerusalem etlicher Menschen die Abasini oder Indiani heissen/ von der provintz India also genannt/ von der Herrschung vnd Landschafft deß mächtigen Königs den wir Priester Johann nennen/ welcher gewaltigen Herr vnd König sich mit sampt allem seinem Volck Christen beklennet/ vnd seyn durch S. Thomam Aposteln zum Christen Glauben von anbeginn bekehret worden". Bernard Breydenbach, *Die Reise ins Heilige Land*, Mainz, 1486, p. 167, refere que estes teriam enviado, em 1482, uma embaixada a Roma ao papa, pois, apesar de algumas divergências nas cerimónias religiosas queriam estar sob a protecção da igreja católica.

11. Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, s. d., pp. 172-74.

Este interesse em buscar um reino cristão situado algures entre a África e a Ásia levaria também os portugueses a explorarem a costa africana na viva esperança de encontrar o caminho até ao afamado Preste João. Os cronistas coevos relatam sobre estas iniciativas. Gomes Eanes de Zurara escreve, por exemplo, na *Crónica dos Feitos da Guiné* que o infante D. Henrique ao enviar Antão Gonçalves para a sua viagem, em 1442, lhe encomendara que soubesse novas da Terra dos Negros e que "nom soamente daquella terra desejava haver sabedorya, mas ainda das Indyas e da terra de preste Joham, se seer podesse".¹² De acordo com as concepções geográficas de autoridades como Solino, Pompónio Mela ou Isidoro, Zurara considerava a Índia um domínio geográfico muito extenso e de fronteiras imprecisas, que abrangia regiões ao sul do Sara. Além disso, considerava como fronteira entre a Índia e a África, o rio Nilo pelo que um dos braços do Nilo iria desaguar no Atlântico, ficando assim consideradas terras da Índia e domínios do Preste João todas as regiões a sul daquele rio.¹³

Se seguirmos outros textos de navegadores portugueses ou directamente relacionados com as viagens marítimas vamos encontrar frequentemente o alargamento da Etiópia até à costa ocidental da África de acordo com as mesmas concepções geográficas. Ao visitar a região do Gâmbia, Usodimare afirmava que lhe "faltava menos de trezentas léguas até ao país do Preste João".¹⁴ E Duarte Pacheco Pereira utiliza no seu *Esmeraldo de sitv orbis* a designação de Etiópia também quando se refere à zona meridional do continente africano.¹⁵

As ideias divulgadas no Portugal quatrocentista a respeito do Nilo e da Etiópia eram as da geografia de Mela, Solino e Isidoro, igualmente, inscritas em vários mapas-múndi e planisférios.¹⁶ O avanço ao longo da

12. Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos Feitos de Guiné*, (escrita 1453) ed. A. Dias Dinis, Lisboa, 1949, p. 89.

13. Nos escritos sobre as viagens portuguesas defende-se, muitas vezes, que o rio Senegal seria um afluente do Nilo. Por exemplo, Zurara (op. cit., pp. 260-61) afirma que estariam perto do Nilo quando se aproximaram do rio Senegal: "[...] eram perto do ryo Nillo, da parte donde vem sayr ao mar do ponente, aoqual yo chamam de Canaga" e mais à frente "[...] nós somos acerca do ryo Nillo, ca esta augua bem parece delle he, e por sua grande força corta o mar, e entre per elle assy". Esta mesma referência se encontra em Cadamosto, afirmando ainda que este seria um dos quatro rios do Paraíso, Luís de Cadamosto, *Newe unbekandte Landte*, Nuremberga, 1508, cap. xv.

14. A carta de Usodimare ao seu financiador encontra-se publicada por Vitorino Magalhães Godinho, *Documentos sobre a Expansão portuguesa*, Lisboa, 1956, vol. III, p. 99.

15. Manuscrito datado de 1505-1508; ed. Lisboa 1905; 1975.

16. Sobre a legenda do Preste João e sua ressonância na cartografia, veja-se Armando Cortesão, *History of Portuguese Cartographie*, 1 vol., Lisboa, 1969, pp. 255-275 e Yoro K.

costa ocidental africana trazia, contudo, mais informações à Europa, sobre o interior e também sobre o reino mítico do Preste João, como as do comerciante veneziano Nicolò de' Conti, que ali viveu quarenta anos.¹⁷ No ano de 1487 organizar-se-ia em Portugal uma expedição com o propósito de localizar este reino e estabelecer contactos capazes de incrementar as relações comerciais com o Índico. Pero da Covilhã e Afonso Paiva seriam os responsáveis pela concretização destes objectivos e, estava nas suas mãos, tornar este sonho realidade.¹⁸

Enquanto Bartolomeu Dias dobrava o cabo das Tormentas, que então se passaria a chamar da Boa Esperança, Pero da Covilhã descobriu por terra o Preste João. Após algumas dificuldades no percurso, Pero da Covilhã será o primeiro português a entrar no reino da Abissínia, onde ficaria a viver convencido de ter encontrado o famoso Preste João, desde há muito procurado.

A partir deste momento estabelece-se um vasto leque de intensas relações entre portugueses e etíopes. Na verdade, seria a rainha etíope, Helena, quem tomou a iniciativa de entrar em contacto com os reis da Europa. Ela enviaria um diplomata à Índia, que se iria encontrar com Afonso de Albuquerque. Este, um antigo mercador arménio de nome Mateus, viria em 1514 até Portugal para se encontrar com o rei D. Manuel I e lhe entregar uma carta do rei David com o seu vivo desejo de se aliar ao rei português.¹⁹ Após longas expectativas ocorria o tão desejado encontro com o reino da Etiópia através deste seu representante, a quem caberia informar sobre a sua terra natal e, nomeadamente, a fé católica. Com Mateus iria, aliás, partir uma missão diplomática portuguesa.

As notícias depressa se propagariam na Europa, ávida de novidades em relação ao reino etíope. É, neste contexto, que vem a público uma das cartas do rei português ao papa Leão X, em que o monarca dava a conhecer os últimos contactos estabelecidos com esse rei cristão.²⁰ Numa outra missiva datada de 8 de maio de 1521, o rei português participava, também ao Pontífice, a singular notícia do seu Embaixador na Etiópia, que

Fall, *L'Afrique a la naissance de la Cartographie moderne, Les cartes majorquines: XIVe-XVe siècles*, Paris, s.d.

17. Cf. Knefelkamp, op, cit. (Die Suche), pp. 81-85.

18. Veja-se, por exemplo, Conde Ficalho, *Viagens de Pêro da Covilhã*, Lisboa, 1898, ed. Lisboa, 1988.

19. Damião de Góis, *Chronica d'el rei D. Manuel*, Lisboa, 1566, 8.º livro, ed. Lisboa, 1911, pp. 32-35.

20. Já as cartas do rei português para o papa Júlio e para os reis Católicos anunciavam o avanço dos portugueses na Índia. Estas viriam a lume, em alemão, nos anos de 1505, 1507 e 1513.

fora recebido atenciosamente pelo Negus e que lhe prometera firmar aliança com Portugal contra o poderio dos Turcos no Mar Vermelho. Esta carta viria a ser impressa, em Roma, sob o título *Epistola Invictissimi Regis Portugalliae ad leonem X. P. M. super foedere inito cum Presbytero Ioanne Aethiopiae Rege*. Por sua vez, o Papa escreveria ao Preste João, à Rainha Helena e ao Patriarca Marcos, chefe da igreja abássia.²¹ Neste mesmo ano de 1521, a pedido do rei imprimir-se-ia a carta relativa ao "descobrimento do Preste joao que lhe enviara o seu capitao e governador das Índias," onde Diogo Lopes de Sequeira relatava pormenores e aspectos da viagem até à Etiópia.²²

O italiano Andrea Corsali, que viajou entre 1515 e 1518 com a frota de Lopo Soares Albergaria, envia algumas cartas para a sua terra natal. Numa delas endereçada ao Príncipe e Sr. Lourenço Medici, relata as "maravigliose cose nuovamente trovarte dall armada del re di Portogallo, nelle parte di india, di persia e di ethiopia, insino a questo giorno incognite".²³ Corsali, que não foi além do Mar Vermelho, recolheu por estas paragens algumas informações sobre a riqueza do Preste João, cujo reino se estendia até "tra dalla banda di Ghinea, del Re di portogallo".²⁴ Corsali alude às acções bélicas entre muçulmanos e cristãos no Mar Vermelho, onde a armada do sultão do Cairo se veria atacada pela frota portuguesa.²⁵

Estas cartas divulgavam, na Europa, o encontro com o lendário rei cristão e informavam, ao mesmo tempo, sobre a sua importância internacional. Neste contexto, o erudito e humanista Damião de Góis iria também prestar um valioso contributo na proliferação de informações.²⁶ A pedido do

21. Veja-se A. Alberto Banha de Andrade, *Francisco Álvares e o êxito europeu da verdadeira informação sobre Etiópia*, Lisboa, 1982, p. 10.

22. Esta carta encontra-se publicada in: Luís Filipe Barreto (Ed.), *Por Mar e Terra, Viagens de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã*, Lisboa, 1988, pp. 23-42.

23. A carta de Andrea Corsali seria publicada separadamente em Florença, 1516 e 1519. Veja-se também Rita Biscetti, *Portogallo e Portoghesi nelle due Lettere di Andrea Corsali a Giuliano e a Lorenzo de' Medici incluse nelle 'Navigazioni' di G. B. Ramusio*, Lisboa, 1985, pp. 3-4.

24. Veja-se a publicação de Corsali in: Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, (1550), ed. Marica Milanese, Torino, 1979, vol. 2, p. 51.

25. A presença dos portugueses nesta região africana alarmou os países muçulmanos vizinhos, que começaram a atacar a Abissínia. 1541 é a data da chegada da embaixada portuguesa chefiada militarmente por D. Cristóvão da Gama em defesa dos etiópes. Sobre esta expedição, veja-se Miguel de Castanhoso, *História das Cousas que o mui esforçado Capitão Dom Cristóvão da Gama fez nos Reinos do Preste João com quatrocentos Portugueses que consigo levou*, Lisboa, 1563, ed. Neves Águas, Lisboa, 1988.

26. Veja-se Cap. 1.1.

bispo Johannes Magnus, Góis editava a sua *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis ad Emmanuelem Lusitanae*,²⁷ onde informa sobre a embaixada do Preste João ao rei português, bem como sobre a fé destes povos africanos; Góis, para redigir este seu escrito, servira-se em grande parte das informações que Mateus deixara em Portugal.

Em 1533, um ano mais tarde, viria a público um outro texto, a *Legatio David Aethiopia Regis*.²⁸ Este opúsculo é, antes de mais, uma compilação das cartas dos reis de Portugal e da Etiópia, nomeadamente, as cartas do rei David a D. Manuel I, e de David a D. João III, as cartas de D. Manuel I ao papa Clemente VII, bem como as do rei David ao papa. Para além destas, o livrinho traz a descrição da embaixada portuguesa da autoria de Francisco Álvares, bem como dois dos seus capítulos sobre aquela região africana.

O padre Francisco Álvares, que fazia parte da missão diplomática, acompanhara Mateus até ao reino do Preste. Após seis anos de estada nestas paragens, e já de regresso a Portugal, Álvares faria uma paragem, em Roma. Na qualidade de enviado do Preste, Francisco Álvares trouxera algumas cartas do rei que, naturalmente, suscitavam a curiosidade e o interesse por toda a Europa.²⁹ A sua relação das terras do Preste João viria a ser assim uma das primeiras descrições sobre este reino e, desde logo, se irá salientar o seu nome como o autor de uma modelar obra, a primeira informação fidedigna sobre a terra, os costumes e a fé professada na Etiópia.

Esta relação viria também a ser publicada em alemão igualmente no ano de 1533.³⁰ Aqui menciona-se já a obra de Francisco Álvares, que em cinco capítulos daria a conhecer este tão buscado reino; no primeiro descreve toda a terra com a informação das suas fronteiras, as origens das grandes águas do Nilo e das razões do seu percurso, e muitas outras coisas bonitas e maravilhosas; no segundo trata da riqueza da terra, dos cereais e de

27. Antuérpia, 1532. O tema seria retomado por Damião de Góis em *Fides, Religio...*, Lovaina, 1540.

28. Bolonha, Roma e Basileia, 1533. Veja-se Francisco Leite de Faria, *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua Época*, Lisboa, 1977, pp. 397-409.

29. Este texto, que durante muito tempo se pensou ser da autoria de Damião de Góis, é possivelmente de Paulo Jóvio.

30. *Botschaft des Grotzmechtigsten Konigs David/ auß dem grossen vnd hohen Morenland/ den man gemeinlich nennet Priester Johan/ an Papst Clemens de Sibenden/ zu Bonomia verhört in offnem Consistorio am xxxr Taga Januarij Anno MDXXXIIIJ.* s.l. Outras edições alemãs: Dresden, 1533 e Frankfurt, 1544. Para além das edições latinas e alemãs viria a lume no ano de 1533 ainda em italiano e francês. Veja-se Leite Faria, op. cit.

algumas culturas e frutos; no terceiro menciona os animais e as aves, destacando o grande animal selvagem que é o elefante, que aí há em grande número, nas matas ou em campo aberto; no quarto o tema será a natureza e costumes dos abássios, o seu alfabeto e estudos, bem como a corte do imperador, jóias, usos no exército e leis da vida civil; no quinto dedica-se à religião, nomeadamente, festas, ornamentos, funerais, esplendor dos casamentos, a vida dos monges, visto que aí se encontra um grande número de conventos.³¹

A obra de Francisco Álvares publicada, no ano de 1540, em Portugal, sob o título de *A verdadeira Informação das Terras do Preste João*,³² viria a lume em alemão, nomeadamente, em 1566, na cidade de Eisleben. Com o sugestivo título *Wahrhafftiger bericht von den Landen/ auch geistlichen und weltlichen Regiment des mechtigen Königs in Ethiopien/ den wie Priester Johan nennen/ wie solche durch die Kron Portugal mit besonderen vleis erkundiget worden/ beschrieben durch herrn Franciscum Aluares/ so derhalben sechs Jar lang an gedachts Priester Johans Hoffe verharren müssen/ aus der Portugallischen und italianischen Sprach in das deutsche gebracht und zuuorn nie im druck ausgangen*.

Esta tradução que se insere num grupo de publicações cujo propósito era delimitar uma imagem mais clara e concisa deste reino, intenta, com a publicação dos textos de Álvares e Corsali, dar a conhecer dois relatos escritos há bem pouco tempo sobre esta terra ainda tão desconhecida. A estas descrições junta-se a carta da rainha Helena ao rei português D. Manuel I, datada de 1509, e as outras cinco missivas já referenciadas.

O texto de Francisco Álvares, uma imagem fidedigna deste povo, procura traçar particularmente um retrato leal da religião professada na Etiópia.

31. "Es hat aber des keisers David Botschafft/ Franciscus Alvaretz von den selbigen Abissinier Moren ein gros Buch gebracht/ in fünff Bücher geteilt. Im ersten wirdt das gätz land eigentlich beschrieben/ mit anzeigung der Gretzen/ vnnd anmerckung der taglenge/ abgemessen nach des hymels lauff/ wie es der welt beschreibung gibet/ darinn vom vrsprung des grossen Wassers Nili/ vnd von vrsachen seines außlauffens/ viel schöne vnnd wunderliche ding erzelt werden. Im andern buch wirdt weytleussig gehandelt/ von des Erdtrichs fruchtbarkeit/ von art des getreydes/ vnd von mancherley fruchten vnd gewachsen. Im dritten/ von thieren vnd vögeln/ von grösse der wilden thier zuuoraus von Elephanten/ welcher herte und grosser anzahl gesehen werden inn büschen vnd im offenen feldern. Im vierten/ wirdt tractirt von natur vnd Sitten der Abissiner von yren Buchstaben vnd studiren/ von des Kaisers hoffhalten/ geschmuck vnd verstand/ von heeres Krafft/ von Zucht vnd leer/ von gesetzen vnd burgerlichen Satzungen. Im fünfften/ von den dingen so die Religion betreffen/ als do seind nochzeitliche fest/ zieerdd der Kirchen/ Eer der Begrebnüs/ herlikeit der hochzeitten/ vnnd der Mönche leben/ welche mit vnendtlicher anzal inn Clöstern beschlosn seind." Idem.

32. Lisboa, 1540.

Daí que dê um lugar de relevo às conversas tidas com o Negus acerca dos fundamentos e costumes litúrgicos do cristianismo na Europa. Ao longo destas conversas sobressaiem paulatinamente algumas discrepâncias na prática religiosa, no que respeita ao sacramento do baptismo, da comunhão ou ainda, por exemplo, na vivência da Páscoa, diferenças estas que o autor exemplar e invulgarmente anota sem qualquer comentário crítico ou apreciação.³³

Mas mais, no retrato que se vai delineando sobre a Etiópia ressalta não só o aspecto religioso, como ainda o facto de ser um país de longa tradição histórica. Muitos autores quando se debruçam sobre a história deste país usam como referência histórica o episódio da rainha Saba.³⁴ É o caso de Leonhart Rauwolf que, ao caracterizar este povo, não quer ver desprezado o facto de serem descendentes de Salomão. E salienta que embora tivessem sido convertidos pelo Apóstolo Filipe, os etíopes seguiriam ainda muitos costumes judeus como o sabat, o não comerem determinados alimentos e o uso da circuncisão.³⁵

As diferenças notadas na prática religiosa formulam um apelo: a necessidade de uma nova missão. O estreito contacto com as terras do Preste João tinha destruído a antiga lenda do rei cristão e as maneiras díspares de viver o cristianismo alertavam para um recolhimento com a palavra de Deus. Com efeito, e embora já a conhecessem, a religião cristã ter-se-ia profanizado e assim afastado progressivamente do verdadeiro credo. Da Europa seriam enviados vários missionários, especialmente jesuítas, que, a partir de 1555, deveriam pregar e dar a conhecer a verdadeira palavra cristã; a sua função era assim reconduzir os etíopes às leis de Roma.

Durante a sua estada na Etiópia, os missionários recolheriam sistematicamente informações sobre os vários aspectos geográficos e culturais deste país, compilando obras de um valor inestimável para o efectivo conhecimento desta parte de África. Jerónimo Lobo, um destes padres jesuítas, seria um dos primeiros viajantes do século XVII a escrever sobre este país; um dos aspectos que aflorou foi o da localização das fontes do rio

33. Sobre Francisco Álvares, veja-se Ulrich Knefelkamp, *Vom Nutzen einer Begegnung. Der Bericht der ersten portugiesischen Gesandtschaft nach Äthiopien (1520-1526)*, In: *Zeitschrift für historische Forschung*, Beiheft 7, Berlin, 1989, pp. 135-151.

34. I. Livro dos Reis 10, 1-13 e Mat. 12, 42; também Álvares, pp. 156-157.

35. Leonhart Rauwolf, *Aigentliche beschreibung der Raiß/ so er vor diser zeit gegen Auffgang inn die Morgenländer ... selbs volbracht*, Laugingen, 1581, pp. 422-426; outras edições: 1582 e 1583.

Nilo, desde há muito desconhecidas e envoltas em misteriosas representações.³⁶

Quando, em 1666, o inglês Sir Robert Southwell chega a Portugal, em missão diplomática, toma contacto com os conhecimentos dos Jesuítas. Southwell, membro da Royal Society estava, aliás, encarregue de recolher as novas geográficas de maior valor para o desenvolvimento científico. Assim, pede ao padre Jerónimo Lobo que exponha os seus valiosos conhecimentos por escrito, a fim de que estes possam vir a ser publicados. Terminado o manuscrito, composto de cinco ensaios, logo seria vertido para o inglês por um outro membro da Royal Society, vindo a público, em 1669 e em 1673.

Este opúsculo igualmente traduzido para o alemão, viria a lume, em 1670, na cidade de Nuremberga. Em pouco mais de 100 páginas, Jerónimo Lobo responde de uma forma clara e concisa a cinco questões em torno do nome e localização do reino do Preste João, bem como das origens do rio Nilo: *Neue Beschreibung und Bericht von der wahren beschaffenheit 1. des Mohrenlandes/ sonderlich des abyssinischen Kayserthums 2. des Ursprungs Nyli 3. wo das Einhorn zu finden 4. Warumb der abyssiner Kaiser Priester Johannes genennet werde 5. wie das rothe Meer beschaffen/ und woher es diesen namen habe 6. von unterschiedlichen arten der Palmenbaüme/ vnd von ihrer Tugend und Nutzbarkeit.*³⁷

As observações e as experiências empíricas de homens como Jerónimo Lobo, João dos Santos,³⁸ Baltasar Teles,³⁹ Pero Pais⁴⁰ e Manuel de Almeida,⁴¹ que viveram vários anos na Etiópia, permitiam não só um notório aumento de informações geográfico-culturais, como ainda formulavam novos teoremas explicativos sobre as Terras do Preste João e o continente africano em geral.

36. Jerónimo Lobo, *Itinerário e outros escritos*, Lisboa, 1971 (manuscrito de 1640).

37. Este texto viria ainda a ser publicado em Paris, 1673 e 1674, na Itália, 1693 e na Holanda em 1707. Em Portugal não seria organizada uma publicação completa do seu itinerário, mas sim em Paris no ano de 1728, da qual surgiria uma tradução alemã, desta vez, em Zurique.

38. João dos Santos, *Ethiopia Oriental, e Vária História de Cousas notáveis do Oriente*, Lisboa, 1609.

39. Manuel Almeida/ Baltasar Teles, *História Geral da Ethiopia-a-Alta*, Coimbra, 1660.

40. Pero Pais, *História da Etiópia* (Manuscrito terminado em 1622; primeira publicação em Roma, 1905-1906), ed. Lisboa, 1945.

41. Manuel da Veiga, *Relaçam Geral dos Estado da Christandade de Ethiopia*, Lisboa, 1628. Sobre estes autores, veja-se Joaquim Veríssimo Serrão, *A Historiografia Portuguesa*, vol. 2, Lisboa, 1973, pp. 287-302.

No decorrer dos séculos XVI e XVII verificou-se uma profunda alteração na concepção do espaço terrestre etíope. A euforia inicial tinha as suas origens na busca de um rei cristão em África, cuja descoberta deu lugar a uma veemente exaltação do apostolado europeu. Mas com o passar dos anos, os europeus chegam à África não como curiosos e interessados observadores, mas como sérios instrutores, que acreditam poder indicar o caminho a trilhar. Esta mudança de perspectiva e de comportamento é - como tivemos ensejo de ver - perceptível não só para o reino de Etiópia. Mais do que isso, poder-se-á aplicar ao encontro com as sociedades africanas. Recordemos as descrições depreciativas, que seriam feitas ao povo egípcio no século XVII, ao confronto que se desenvolveu entre europeus e guineenses, e à desilusão e até reprimida decepção atestada nas acções missionárias no Congo e no Monomotapa. Isto sem esquecer a grande intolerância, senão mesmo, a não aceitação dos hotentotes. A imagem de África traçada pelos europeus, ao longo de dois séculos de viagens, não só se reformulou em sólidos e acrescidos fundamentos, como ainda se foi definindo segundo as visões e perspectivas dos visitantes que, em face das estranhas e diferentes realidades, ansiavam reafirmar-se.